

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MARIANE ALVES NAGEL

**A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS EM SALA DE AULA:
EXPERIÊNCIAS DO PROJETO DE EXTENSÃO
CONSTRUINDO A IGUALDADE ÉTNICA E DE GÊNERO NA
ADOLESCÊNCIA NOS ANOS DE 2011 E 2012**

JARDIM
2012

MARIANE ALVES NAGEL

**A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS EM SALA DE AULA:
EXPERIÊNCIAS DO PROJETO DE EXTENSÃO
CONSTRUINDO A IGUALDADE ÉTNICA E DE GÊNERO NA
ADOLESCÊNCIA NOS ANOS DE 2011 E 2012**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Geografia da Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de
Jardim, como Pré-requisito para a obtenção do grau de
Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sandra Cristina de Souza

JARDIM
2012

Ficha Catalográfica

Elaborada pelo Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação

UEMS – Jardim

NAGEL, M. A.

A utilização de vídeos em sala de aula: experiências do projeto de extensão construindo a igualdade étnica e de gênero na adolescência nos anos de 2011 e 2012/Mariane Alves Nagel – Jardim [s.n], 2012.

44 f.

TCC (Graduação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Orientadora: Dra. Sandra Cristina de Souza

1. Violência Étnica
2. Violência de Gênero
3. Geografia Cultural
4. Vídeo na Educação Básica

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIANE ALVES NAGEL

**A UTILIZAÇÃO DE CURTAS-METRAGENS NA CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A
IDENTIDADE ÉTNICA E DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientadora: Sandra Cristina de Souza

Professora do Curso de Geografia, UEMS

Novembro de 2012

Dedicatória

Ao Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Agradecimentos

Este trabalho só pode ser concluído através do amor e incentivo de inúmeras pessoas presentes na minha vida.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Heitor e Terezinha por todo amor e carinho que vocês me dedicaram durante a vida sou imensamente grata por todo o investimento que vocês fizeram em mim, obrigada pelo abraço de amor quando tive que chorar por não suportar as dificuldades.

À minha orientadora Professora Doutora Sandra Cristina de Souza, por ter paciência e não me deixar desanimar.

À família ALIA (Aliança de Igrejas em Avivamento) por toda cobertura espiritual.

À minha irmã Marilaine Nagel, meus sobrinhos Caio e Érick, que mesmo longe fazem meu coração pular de alegria ao ouvir suas vozes. À minha avó Elvira e avô Arno, por se preocuparem tanto.

A todos os funcionários da instituição. Aos professores que acreditaram que eu conseguiria até mesmo no momento em que eu achei que estava tudo acabado.

Ao meu Deus e Pai, que me criou e me formou.

A todos vocês meu muito obrigado! Amo a cada um de todo meu coração.

Epígrafe

“Enquanto mulheres e homens indígenas continuam sendo pregados em inúmeras cruces, o Bem Viver sonhado por eles é apenas uma utopia. Mas todas as mortes e violências juntas jamais serão capazes de matar nossa fé na Ressurreição, na vitória da Vida” (Dom Erwin Kräutler Bispo da Prelazia do Xingu e Presidente do Cimi)

Resumo

A utilização de vídeos na conscientização sobre a diversidade étnica e de gênero através dos projetos de extensão “Curtas e gênero – conscientizando adolescentes sobre a diversidade de gênero” e “O papel dos recursos multimídias na conscientização sobre a diversidade étnica e de gênero”, realizados nos anos de 2011 e 2012, constituíram uma experiência de abordagem de temáticas transversais da educação e que pode ser analisada como metodologia para a área de ensino de geografia. Estes projetos constituem-se em sub-projetos do Projeto de Extensão **CONSTRUINDO A IGUALDADE ÉTNICA E DE GÊNERO NA ADOLESCÊNCIA** aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul sob a coordenação da Profa. Dra. Sandra Cristina de Souza, para o período de março de 2010 à janeiro de 2013. A metodologia utilizada para realização deste projeto foi, o uso de vídeos que apresentam a problemática da violência étnica e de gênero dentro da sociedade contemporânea, nas escolas de Guia Lopes da Laguna e Jardim. Através do método de Pesquisa-Ação e da teoria da Geografia Cultural foi possível fazer o recorte de estudo, tanto documental quanto teórico. Esta pesquisa pretende compreender a importância da utilização de vídeo na área de ensino de geografia dentro da perspectiva da Geografia Cultural.

Palavras-chave: Geografia Cultural. Violência. Curtas-metragens. Pesquisa-ação.

ABSTRACT

The use of video in awareness of gender and ethnic diversity through outreach projects "Short and gender - aware teens about gender diversity" and "The role of multimedia resources in raising awareness of ethnic diversity and gender" held in the years 2011 and 2012, constituted an experience of cross-thematic approach to education and that can be analyzed as a methodology for teaching geography area. These projects are in sub-projects Extension Project BUILDING ON GENDER EQUALITY AND ETHNICITY IN ADOLESCENCE approved by the Dean of Extension, State University of Mato Grosso do Sul under the coordination of Professor. Dr. Sandra Cristina de Souza, for the period March 2010 to January 2013. The methodology for undertaking this project was the use of videos that present the problem of ethnic violence and gender in contemporary society, in schools of Guia Lopes of Laguna and Garden. Through the method of Action Research and Theory Cultural Geography Could the clipping study, both documentary and theoretical. This research aims to understand the importance of using video in the area of teaching geography from the perspective of Cultural Geography.

Keywords: Cultural Geography. Violence. Short films. Action Research.

Lista de Figuras

Figura 1 – Criança Guarani Kaiowá.....	16
Figura 2 – Manifestação no STF em 2012.....	17
Figura 3 – Comunidade Guarani – Kaiowá reivindicando melhorias na saúde.....	18
Figura 4 – Violência contra indígenas.....	19
Figura 5 – Dança do Bate Pau – Aldeia Brejão, Nioaque MS.....	20
Figura 6 – Ritual sagrado para a cosmologia Kaiowá.....	21
Figura 7 – Alunos trabalhando em sala de aula.....	36
Figura 8 – Alunos da Escola Municipal Basílio Barbosa discutindo o tema a ser abordado no jogo dramático proposto.....	36
Figura 9 – Alunos da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha desenvolvendo a atividade lúdica proposta.....	36
Figura 10 – Jogo dramático sendo explicado para os alunos.....	37
Figura 11 – Discussão após o filme apresentado.....	37
Figura 12 – Bombeiros do amanhã assistindo curta-metragem.....	37
Figura 13 – Filme utilizado nas aulas “Vista minha pele”.....	38
Figura 14 – Equipe com o cabo Jair Cuevas e professora do PETI.....	38
Figura 15 – Apresentação do filme “Vista minha Pele”.....	38
Figura 16 – Assistindo o filme, turma do 9º ano da escola Chaquib Kadri.....	39
Figura 17 – Alunos se preparando para a atividade lúdica após o filme.....	30
Figura 18 – Atividade lúdica com o acadêmico João Evaldo Ghizoni Dieterich.....	39

Lista de Siglas

UnB – Universidade de Brasília.

PIBEX – Programa Institucional de Bolsas de Extensão.

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário.

STF – Supremo Tribunal Federal.

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde.

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

Sumário

Introdução	13
Capítulo I – A violência contra indígenas e mulheres no Brasil	15
1.1 Preconceito a Etnias e ao Gênero.....	15
1.2 A violência indígena segundo o relatório do CIMI.....	16
1.3 Violência contra a mulher.....	20
1.4 Violência contra o Homossexual.....	23
Capítulo II – Pressupostos teóricos e Metodológicos	25
2.1 Referenciais Teóricos.....	25
2.1.1 Geografia Cultural.....	25
2.1.2. O cinema e a conscientização.....	26
2.2 A Pesquisa-Ação.....	29
Capítulo III – Experiências de sala de aula	32
3.1 Experiências.....	32
3.2 Ano de 2011.....	32
3.3 Ano de 2012.....	33
3.4 Imagens 2011 e 2012.....	35
Considerações Finais	40
Referências Bibliográficas	42

Introdução

Durante o período de 2011 e 2012, fui bolsista do PROGRAMA DE BOLSAS DE EXTENSÃO da UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), atuando respectivamente nos projetos: “Curtas e gênero – conscientizando adolescentes sobre a diversidade de gênero” e “O papel dos recursos multimídias na conscientização sobre a diversidade étnica e de gênero”. Estes projetos constituem-se em subprojetos do Projeto de Extensão CONSTRUINDO A IGUALDADE ÉTNICA E DE GÊNERO NA ADOLESCÊNCIA aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Sandra Cristina de Souza, para o período de março de 2010 a janeiro de 2013. Neste período utilizei o método de pesquisa-ação para compreender a importância da utilização de vídeo na sala de aula, sob a perspectiva da importância da temática abordada, qual seja, violência étnica e de gênero, para a Geografia Cultural.

Optamos neste projeto a pesquisa-ação “porque essa metodologia favorece um fluxo de informações e formação entre pesquisadora, educadores e educandos” (JESUS, 2007). Em nossa pesquisa-ação constatamos que o contato com os alunos e professores contribuíram para o levantamento de dados sobre o conhecimento em relação a diversidade étnica e de gênero e sobre o preconceito. Estes subsídios levantados, que antes eram incógnitos e que somente através do contato direto com a sala de aula pode-se obter, utilizando métodos incomuns, saindo do tradicionalismos e enganando-se em um novo método já experimentado algumas vezes por outras pessoas. O recurso didático utilizado pelos sub-projetos foi o vídeo.

A sociedade contemporânea tem sido marcada pelo grande esfriamento do amor, onde a dureza e a crueldade tem reinado no meio do ser humano. Preconceito, discriminação e indiferença, fazem do homem um ser que pensa no seu próprio problema. Marx afirma no seu livro ‘o partido comunista’ que, “a sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez senão substituir novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta às que existiram no passado.” (MARX E ENGELS, 2001). A existência da diferença de classes sempre existiu, desde o princípio, a diferença hoje é que a sociedade evoluiu em aspectos tecnológicos, sociais, culturais e humanos, e é inaceitável vivermos como no século XVI.

Podemos também contar com as inesgotáveis fontes do amor humano. Certamente o século XX sofreu terrivelmente de carência afetiva, de indiferença, de dureza e de crueldade. Mas produziu também o excesso de amor consagrado a mitos enganosos, ilusões, falsas divindades ou que se

petrifica em fetichismos menores como uma coleção de selos. (MORIN, 2000 pág. 81)

A Geografia Cultural traz na sua essência essa dicotomia, sair da mesmice imposta e ter a ousadia de avançar naquilo que ainda não foi tirado do oculto. Conscientizar a todos não será possível, na lógica humana. Talvez não seja conscientizar a palavra chave, entretanto, começar e fazer o pouco, já faz a diferença. Como afirma o professor Jader Pigari¹ da escola Chaquib Kadri: “se apenas um aluno pensar diferente, o trabalho já valeu a pena”. Através das diversas vertentes que nasceram a partir da ciência geográfica, vertentes que tem mudado o perfil da geografia tradicional, como por exemplo, a geografia econômica, a geografia histórica e a geografia cultural.

¹ Comentário realizado com o professor Jader Pigari, em projeto de extensão na aula de Geografia da acadêmica e bolsista, na escola Municipal Chaquib Kadri, na cidade de Jardim, dia 26 de outubro de 2012.

CAPÍTULO I – A VIOLÊNCIA ÉTNICA E DE GÊNERO NO BRASIL

1.1 – Preconceito a Etnias e ao Gênero.

A sociedade brasileira é bastante diversa em etnias e marcada pela desigualdade social e discriminação racial, havendo necessidade de atividades de conscientização da população em prol da construção de uma sociedade que promova o respeito às diferenças. Através de uma pesquisa-ação realizada durante a execução dos projetos de bolsa de extensão aprovados pelo edital PIBEX-UEMS: O papel dos recursos multimídias na conscientização sobre a diversidade étnica e de gênero em 2011 e Curtas e gênero - Conscientizando adolescentes sobre a diversidade de gênero em 2012. O público-alvo dos dois sub-projetos foram os adolescentes das cidades de Guia Lopes da Laguna e Jardim, que frequentavam projetos sociais e escolas públicas.

Os adolescentes, por estarem em uma fase difícil da vida, passando por transformações, e na maioria das vezes vítimas de preconceito dos colegas da escola e às vezes até da própria família, são mais suscetíveis a repensar sobre o preconceito na sociedade. Assim, os sub-projetos propiciaram aos adolescentes um espaço de reflexão sobre a violência étnica e de gênero. Nossos encontros foram realizados mensalmente nas instituições que atendem os adolescentes, onde aconteceu a exibição de filmes e logo após uma breve explicação sobre o filme são realizadas perguntas aos jovens, fazendo-os refletir sobre tal assunto.

No Brasil, os estudos que abordam as relações de gênero acompanham os diferentes momentos dos movimentos feministas. A partir da década de oitenta, o país começa a sair lentamente dos chamados “anos de chumbo” da ditadura militar que começou em 1964. Mas desde meados dos anos setenta as mulheres brasileiras já se mobilizavam contra o custo de vida, por creches e timidamente buscavam uma maior abertura política. Neste sentido, muitas pesquisadoras já demonstravam preocupação pela temática feminista e os principais trabalhos versavam sobre mulher e trabalho. Mas são nos anos oitenta que diferentes movimentos feministas começam a criticar a condição da mulher no Brasil. E na academia as pesquisadoras não ficaram imunes aos apelos por uma maior igualdade social entre os sexos.

As ciências humanas e sociais, particularmente a sociologia, a demografia e a história, produzem trabalhos abordando diferentes temáticas, com uma perspectiva de resgatar a mulher e seu papel nas diferentes sociedades e particularmente na sociedade brasileira contemporânea. Assim, os estudos de gênero no Brasil crescem em qualidade e quantidade durante os últimos 20 anos. Estes estudos demonstram como a academia se sensibiliza com o

movimento de luta das mulheres pelo respeito a sua condição feminina em um mundo marcadamente machista e discriminatório. Na busca por uma sociedade igualitária em termos de gênero, a conscientização de adolescentes que estão numa fase de reflexão sobre a sociedade e seus valores é uma arma importante na construção desta sociedade. Sendo assim, o projeto justificou-se pela busca desta conscientização através da exibição de vídeos que abordam a temática e debates após estas exibições. Neste formato os adolescentes puderam compreender o que se passa, de um jeito mais simples, mas que traga um novo modo de ver a sociedade tão marcada por desigualdades étnicas e de gênero.

1.2- A Violência Indígena.



Figura 1: Criança Guarani Kaiowá.

Fonte: Relatório do CIMI de 2011.

Conforme aponta o relatório do CIMI sobre a violência contra os indígenas podemos entender que a luta desses povos pelos seus direitos é premente devido a dificuldade de sobrevivência nas aldeias indígenas do país: “A situação em nossas aldeias é comprovadamente um genocídio silencioso, o que nos motiva, ainda mais, a lutar pela vida”²

² Nota do Vale do Javari sobre o chamamento público do Ministério da Saúde, Atalaia do Norte, 23/09/2011, Relatório CIMI, 2011, disponível em <http://www.cimi.org.br/pub/CNBB/Relat.pdf> acessado dia 03 de dezembro de 2012.

O caso da questão da violência indígena não é somente algo limitado no Mato Grosso do Sul, é em todo o Brasil, entretanto a situação em nosso estado chama atenção pelo número de morte de indígenas, conforme o relatório do CIMI:

Em Mato Grosso do Sul, os povos indígenas recebem atenção quando há alguma repercussão no Brasil ou no exterior, em função dos assassinatos de suas lideranças, quando há epidemias ou endemias nas aldeias, quando são divulgadas informações sobre os altos índices de desnutrição e mortalidade infantil. (Relatório do CIMI, 2011. Pág 11)

Tem-se o exemplo no que aconteceu no ano de 2012, onde houve uma manifestação no STF sobre cotas nas universidades. Os indígenas protestaram contra a não discussão do mérito das cotas indígenas, no mérito da questão de cotas raciais nas universidades públicas no Brasil.



Figura 2: Manifestação no STF em 2012

Fonte: Disponível em <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/04/stf-decide-por-unanimidade-pela-constitucionalidade-das-cotas-raciais.html>>, acessado em: 10/10/2012

Toda essa questão é problemática em torno da população indígena, com o passar dos anos, não melhoraram, pelo contrário continuaram as lutas por território, por cultura ou até mesmo por identidade. A figura acima ilustra uma realidade muito recente no Brasil. No dia 27 de abril de 2012, no STF há a decisão unânime de constitucionalidade das cotas raciais. Segundo a repórter Débora Santos

Por unanimidade, o Supremo Tribunal Federal (STF) validou nesta quinta-feira (26) a adoção de políticas de reserva de vagas para garantir o acesso de negros e índios a instituições de ensino superior em todo o país. O tribunal decidiu que as políticas de cotas raciais nas universidades estão de acordo

com a Constituição e são necessárias para corrigir o histórico de discriminação racial no Brasil. (Disponível em <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/04/stf-decide-por-unanimidade-pela-constitucionalidade-das-cotas-raciais.html>> Acessado em 10/10/2012)

Após essa decisão, um manifestante indígena da etnia guarani “Araju Sepeti queria que os indígenas fossem citados pelo ministro Fux³ em seu voto. A política de cotas da UnB⁴, que é tema do julgamento, inclui a reserva de 20 vagas anuais a indígenas, que não precisam fazer o vestibular tradicional.” Sendo, assim, pode ser visivelmente observado na figura, como a etnia indígena tem padecido com o preconceito e com a forma com a qual a sociedade simula que ela não existe. Desde os primórdios de sua civilização, onde eram facilmente dominados pelos jesuítas, e hoje são facilmente dominados pelo Estado. Atualmente os indígenas não recebem uma atenção necessária, pois suas culturas, modo de vestir, de morar, sua língua está totalmente influenciada pelo ‘branco’. O qual tem feito diariamente o papel de exterminador da população indígena.



Figura 3: Comunidade Guarani – Kaiowá reivindicando melhorias na saúde
Fonte: Relatório do CIMI, 2011. Pág. 17

Não somente uma questão de morte por assassinato, mas as doenças epidêmicas estão no meio das aldeias causando grande desgraça no meio deles, como o Próprio CIMI afirma que:

³ Ministro Luiz Fux.

⁴ Universidade de Brasília.

A atenção à saúde indígena no Brasil no ano de 2011 foi marcada pela inoperância e pela omissão, o que serviu para agravar ainda mais o cenário de caos absoluto que atinge a saúde das comunidades indígenas nos últimos anos. Questões absurdas como a falta de medicamentos básicos, equipamentos sucateados e abandonados, a ausência de programas efetivos e regulares de assistência às populações indígenas deixaram há muito tempo de ser a exceção e constituem hoje a triste regra na maioria dos distritos sanitários especiais indígenas do país. A implantação da Secretaria Especial de Saúde Indígena pelo Ministério da Saúde se arrasta em um processo de transição interminável, que teve início no final do ano de 2008, com o anúncio de sua criação pelo então ministro José Gomes imporão, a constituição de um grupo de trabalho com participação de lideranças indígenas visando apresentar propostas sobre a gestão dos serviços de saúde e, depois de dois anos de espera, a aprovação pelo Congresso Nacional da Lei 12.314/2010 e edição pelo governo federal do Decreto 7.336/2010 que oficializou a criação da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). (CIMI, 2007, pág. 111)

Logo, o descaso do poder público com o povo brasileiro é inúmero, os prejuízos causados a todo o Brasil, o retrocesso causado pela falta de infraestrutura e investimento. Um país capaz de vários avanços, com tanto potencial, é incapaz de se empenhar e desenvolver a saúde pública. Inúmeras pessoas morrem, sem que ninguém saiba, sem nenhuma esperança de melhora. Os filhos de pais indígenas veem seus pais morrerem, e já imaginam seu futuro, de destruição, morte, assassinatos, de desapropriação etc.



Figura 4 – Foto: Maria Pena – Violência contra indígenas no Brasil

Fonte: Disponível em < <http://www.redebrasilatual.com.br...> Acessado em: 18/10/2012

Em uma visita à Aldeia Brejão⁵ no dia 19 de abril de 2011 e 2012, no dia do Índio, pode-se ter um contato com essa realidade. Onde os professores indígenas da Escola Municipal implantada na própria aldeia afirmaram o quão difícil é aprimorar a cultura Terena

⁵ Localizada no município de Nioaque – MS.

naquela aldeia. Pois os jovens índios não querem e não se interessam por aprender a língua mãe, seus interesses estão somente em aprender a cultura que a televisão impõe sobre os jovens, a moda, os costumes, o jeito de vestir, de cortar o cabelo. Isso vai aos poucos matando sua cultura. Os professores afirmaram que muitos jovens sentem vergonha de dizer que são da etnia Terena, e se isolam. Na realidade não é proibido aos indígenas terem esse contato com o que se passa no mundo, com a moda mais recente nas cidades mais famosas, o que não se pode é perder por completo sua identidade, é perder algo de tão valioso tanto para as etnias, quando para o restante da população. Pois se até os próprios indígenas não trazerem a sua cultura e mostrarem que estão presentes em uma sociedade constituída por dominantes tão fortes, tão pouco o restante da sociedade, como pesquisadores e historiadores poderão resgatar essa cultura raiz do nosso país.



Figura 5 : Dança do Bate Pau – Aldeia Brejão – Nioaque – MS.

Fonte: Nagel. M. A. Pesquisa de Campo, 2011.

O CIMI⁶ ainda afirma em seu relatório que:

Os dados sobre as violências contra os povos indígenas que o Conselho Indigenista Missionário - CIMI apresenta neste relatório, demonstram a maneira como o Estado, governos e a sociedade envolvente se relacionam com estes povos. São evidentes o descaso e a omissão do Ministério da Justiça e seu órgão indigenista, a Fundação Nacional do Índio (Funai), e o Ministério da Saúde e sua Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), encarregados de executar as políticas de assistência e defesa dos direitos

⁶ Relatório Violência contra os povos indígenas no Brasil – Dados de 2011. ISSN 1984-7645

destes povos. A transição das responsabilidades pela assistência que era da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) para a Sesai é lenta e burocrática e com pouca participação indígena nas discussões e no planejamento de ações. Os casos de morte por falta de assistência aumentaram e comprometem o futuro de povos no Amazonas e no Acre. É alarmante a mortalidade de crianças entre os povos Xavante, de Mato Grosso, do Vale do Javari, no Amazonas, e os Kaxinawá e Kulina, no Acre. Os conflitos em Mato Grosso do Sul se intensificaram no decorrer de 2011. Fazendeiros mantêm milícias privadas para atacar e incendiar acampamentos do povo Guarani-Kaiowá. Num destes ataques foi assassinado o líder Nísio Gomes. Seu corpo até hoje não foi encontrado. Em 2011 as demarcações de terra continuaram paralisadas, apesar do clamor dos indígenas, principalmente daqueles que estão acampados nas margens das rodovias, submetidos à mais horripilante miséria e ainda às violências causadas pelo trânsito, como atropelamentos de crianças e adultos. (Relatório do CIMI 2011, pág 115)



Figura 6: Ritual Sagrado para a cosmologia Kaiowá.

Fonte: Relatório do CIMI de 2011, pág 17.

As populações tradicionais no Brasil, como os Kaiowás, Kadiwéus, Guaranis são os que têm sofrido com as violências e problemas ocorridos dentro do seu próprio território.

1.3. Violência contra a Mulher

Falar na questão do gênero traz em si as transformações que ocorreram na sociedade durante séculos e que hoje se pode afirmar que a mulher tem seu espaço dentro da sociedade atual, pois no passado, as mulheres eram tidas apenas como a dona de casa. A exibição dos vídeos nas escolas proporcionou aos alunos repensar essa questão, pois ela é um pouco mais esquecida dentro dos discursos escolares, um dos debates que mais ganha enfoque hoje na

sociedade são os negros e homossexuais, como principais vítimas de preconceito, entretanto a mulher passa por situações na maioria das vezes constrangedoras, e que a sociedade não vê.

Cabe salientar ainda que um grande agente importante do processo de transformação nos valores de gênero é, sem dúvida, o movimento feminista. Sabe-se que foi por pressão desse movimento, que questionou e, em última instância, buscou desconstruir as formas prevaletentes de instituições patriarcais da sociedade, que se conseguiu realizar parte significativa dessa mudança. As mulheres, enquanto feminista, avançaram bastante em várias direções – sobretudo na saúde, na educação, no mercado de trabalho, na política, na previdência social etc. [...] Mas houve muito pouco investimento nas mudanças de gênero nas referências culturais e normativas. A esfera da divisão dos trabalhos domésticos e do cuidado dos filhos, pelo menos aqui no Brasil parece-me mais diretamente implicadas, e por que não dizer interessadas mesmo, nesse processo de mudança nos padrões de valoração do gênero. (MATOS, 2000, pág 34)⁷

Através dessa passagem de Matos se pode ter uma pequena dimensão do problema apresentado no Brasil, e no mundo hoje, onde a mulher tem seus papéis definidos dentro de casa e no trabalho. Nas escolas apresentadas sobre a questão do gênero, mais especificamente da mulher, através de uma reportagem exibida no fantástico sobre a violência contra as mulheres⁸, podemos refletir sobre a violência cometida nas mulheres e de como muitas vezes elas ficam caladas por medo de serem agredidas novamente. “O modelo de família que se baseia nos papéis homem/provedor e mulher/dona-de-casa em tempo integral experimentou um declínio significativo ao longo da segunda metade do século XX” (MATOS, 2000).

Sendo assim, o modelo bíblico também já não é valorizado mais pelas pessoas, tanto as ditas religiosas, quanto as que se dizem sem religião alguma. Em um dos encontros na escola Salomé de Melo Rocha, uma das alunas afirmou que “jamais aceito virar dona-de-casa, vou ser dona do meu nariz”, através desse discurso percebe-se o quanto evoluiu o modo de viver das mulheres, já não vivem mais conforme a sociedade medieval. Através da transformação do pensamento, o agir se torna apenas uma consequência, as mentes aprisionadas pelo tradicionalismo, continuarão sem sentido, sem que haja mudança, pois a conscientização e o trabalho em prol dessa parcela da sociedade sofrida merece atenção. A qualificação ‘Amélia’ já é ultrapassada, é hora de se ter uma sociedade justa e igualitária.

Michele Perrot afirma:

⁷ MATOS, Marlise. **A democracia não deveria parar na porta de casa**: a criação dos índices de tradicionalismo e de destradicionalização de gênero no Brasil. In *Gênero, família e trabalho no Brasil* – Clara Araújo e Celi Scalon, organizadoras – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. Cap 3.

⁸ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=rxm3tufdXvQ>> Acessado em: 14/08/2012

Quanto às mulheres do povo, só se fala delas quando seus murmúrios inquietam no caso do pão caro, quando provocam algazarras contra os comerciantes ou contra os proprietários, quando ameaçam subverter com sua violência um cortejo de grevistas. Em suma, a observação das mulheres em outros tempos, obedece a critérios de ordem e de papel. Ela se detém pouco sobre mulheres singulares, desprovidas de existência, e mais sobre “a mulher”, entidade coletiva e abstrata a qual se atribuem as características habituais. Sobre elas não há uma verdadeira pesquisa, apenas a constatação de seu eventual deslocamento para fora dos territórios que lhe foram reservados. (PERROT, 1989, pág 45).

Como afirma Michele Perrot, o protesto feminino só é visto com outros olhos, quando sua voz vai contra a sociedade, contra proprietários e detentores do poder. Fora isso, suas vozes ecoam caladas e não são mais levadas a sério.

1.4. Violência contra o Homossexual.

Atualmente as questões que envolvem o homossexualismo não é algo censurado, pelo contrário é exposto abertamente diante da sociedade.

Nestes últimos quatro mil anos da história humana, o Ocidente repetiu, *ad nauseam*, que o amor e o erotismo entre pessoas do mesmo sexo eram ‘o mais torpe, sujo e desonesto pecado’, e que por causa dele Deus castigava a humanidade com pestes, inundações, terremotos, etc. Ainda hoje, cristãos menos iluminados atribuem o flagelo da Aids ao castigo divino contra a revolução sexual e o movimento gay, comprovando o quão arraigadas ficaram nas trevas da ignorância coletiva as abominações do Levítico, reforçadas pela intolerância incendiária da Santa Inquisição, que condenava à morte os amantes do mesmo sexo.[...] Há décadas, modernas e sólidas pesquisas multidisciplinares internacionais garantem que ‘a homossexualidade não constitui doença, distúrbio ou perversão’. Já em 1970 a American Psychology Association, desde 1985 o nosso Conselho Federal de Medicina e desde 1993 a Organização Mundial de Saúde excluíram o código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças, deixando a homossexualidade de ser considerada ‘desvio e transtorno sexual’. (MOTT, 2006, pág 24)⁹

O homossexual dentro da sociedade deve e tem o direito de ser tratado de igual forma por todos. Depois de várias leis que surgiram como exemplo da homofobia, que ameaçava qualquer pessoa que cometesse discriminação contra um homossexual, de ser preso e pagar alta multa. Usar da força de uma lei não seria a solução para um país tão marcado pelo preconceito, pois de nada adianta estar em um presídio, mas seu pensamento permanecer o mesmo. A conscientização das crianças dentro das escolas e também em qualquer rede social

⁹ MOTT, Luis. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto/2006

presente na vida dos adolescentes e da população em geral, na internet, faz a diferença nesse mundo desprovido de igualdade social, étnica e de gênero.

A partir de tais pressupostos, sobre a violência contra o homossexual, a mulher e o indígena pode-se perceber que essa parcela da sociedade necessita de um maior cuidado com relação ao tratamento dos demais, através de uma conscientização e um estudo mais aprofundado diante disso mostra um verdadeiro avanço sociológico no país em que vivemos.

CAPÍTULO II – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1. Referenciais Teóricos

2.1.1 – Geografia Cultural.

Articular sobre violência indígena, discriminação ou preconceito são rumos seguidos pela ciência geográfica, a qual tem cursado outros caminhos, saindo do tradicionalismo. Como é título do livro do autor Edward W. Soja, “Geografias Pós-Modernas”, o qual delinea o leque de ciências geográficas que surgiram no último século, como a Geografia Marxista, a Geografia Histórica e Geografia Cultural.

A geografia cultural segundo Paul Claval¹⁰ afirma em sua obra, o surgimento da geografia cultural nos Estados Unidos foi causado quando Ratzel (1844-1904) entra em contato com Moritz Wagner, o qual era zoologista darwiniano. Após esse contato, Ratzel descobre a geografia, e um tempo depois defende um doutorado dedicado à imigração chinesa na Califórnia, a partir disso, ele escreve um livro com o seguinte título “*Culturgeographie der Vereinigten Staaten Von Nord-Amerika unter besonderer Beruchsichtigung der wirtschaftlichen Verhältnisse*” (1880), que significa “A geografia cultural dos Estados Unidos da America do Norte com ênfase especialmente voltada para as suas condições econômicas” foi nesse momento então que a geografia cultural é introduzida no meio acadêmico.

Consequentemente no decorrer dos anos, Ratzel elabora uma nova linha do pensamento geográfico, uma nova vertente da ciência geográfica (CLAVAL, 2001), utiliza-se da concepção de grandes mestres geógrafos como Alexandre Humboldt e Carl Ritter, “e retira de sua formação de naturalista a ideia de que a repartição dos homens e das civilizações merece uma atenção particular: propõe o nome *antropogeografia* (1882-1891) para qualificar este novo capítulo da disciplina” (CLAVAL, 2001). A partir dessa nova idealização da ciência geográfica surgiram três princípios básicos para essa nova Geografia Humana, são eles: “1) A antropogeografia descreve as áreas onde vivem os homens, e as mapeia; 2) procura estabelecer as causas geográficas da repartição dos homens na superfície da terra; 3) propõe-se a definir a influencia da natureza sobre os corpos e os espíritos dos homens” (BUTTMANN 2001 apud CLAVAL, 1977).

É uma nova geografia que há que inventar, rompendo ainda divisórias entre disciplinas, com geógrafos abertos à literatura e à arte e homens de letras a

¹⁰ CLAVAL, Paul. A geografia cultural / Paul Claval; Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2 ed. – Florianópolis : Ed. Da UFSC, 2001.

par da geografia. As especializações atuais progredem muito pouco neste sentido. Em última análise, a pedagogia do espaço deve ser criativa. [...] sobre tudo quando se impõe como objetivo a elaboração de documentos de síntese que fazem apelo a certa imaginação, mesmo tempo que ao espírito de análise. Mas é preciso ir mais longe, incitar à crítica do que existe, recusar a ordem do ‘standard’, suscitar a elaboração de projetos que deem aos lugares habitados, aos espaços de reunião, às regiões a viver, as cores e as formas, as necessidades e os sonhos das imaginações jovens. Descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço... Uma pedagogia nova para um espaço vivido deve tomar em conta estas quatro exigências. (HAESBAERT, 2002 apud FRÉMONT, 1980, pág 78.)

O uso da nova geografia causou alvoroço dentro do contexto escolar, assim como é citado por Haesbaert, ela vem quebrando divisórias entre as demais disciplinas existentes.

No início do século, em seu livro clássico, *La Geographie Humaine*, Jean Brunhes propõe uma definição da geografia, mediante um exercício de aproximação sucessiva. Após redigir uma primeira tentativa, ele considera insatisfatória. Daí uma segunda proposta e, afinal, uma terceira. O que há de original nessa démarche é que o leitor acompanha o processo de pensamento do autor, as etapas consecutivas do aperfeiçoamento de sua construção intelectual e o resultado final, que é sua definição da geografia. Temos, aqui, o mesmo exercício, não mais em relação à geografia, mas quanto ao espaço geográfico. Numa primeira hipótese de trabalho, dissemos que a geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. (SANTOS, 2008, pág 67)

A partir dessa afirmação de Milton Santos, pode-se perceber o que vem acontecendo dentro da ciência geográfica. Os fixos e fluxos fazem da sociedade, onde eles estão interagindo, e “expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia”. (SANTOS, 2008). A geografia cultura como uma nova vertente dentro da ciência geografia afirma: “na medida em que a geografia humana é constituída em todos os lugares sobre a base dos problemas colocados por Friedrich Ratzel, a cultura é uma de suas variáveis fundamentais” (CLAVAL, 2001)

2.1.2. O cinema e a conscientização.

Ao invés de seguir a tendência dominante de tratar o cinema como mais um recurso didático para o ensino parte-se do entendimento de que a educação e o cinema são formas de socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo, subjetividades. Muitas das concepções veiculadas em nossa cultura têm como

referência significados que emergem das relações construídas tanto entre espectadores e filmes, apontando para o caráter extremamente educativo do cinema.

A prática de ver filmes faz com que se desenvolvam conhecimentos, instigou a pensar as relações das pessoas com o cinema e o papel desempenhado pelos filmes na formação das pessoas, inclusive na sua visão sobre a diversidade étnica e de gênero.

Pierre Bourdieu (2006)¹¹, diz que a experiência das pessoas com o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de 'competência para ver'. Porém, o desenvolvimento de tal competência não se restringe ao simples ato de assistir a filmes; tal competência tem ligação com o universo social e cultural dos indivíduos. Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para que possamos transitar em diferentes campos sociais. A imagem em movimento tem relação com aquilo que somos, com nossas identidades, o que nos remete a uma reflexão sobre a importância da linguagem audiovisual na nossa sociedade. Valoriza-se muito, em nossa cultura, a linguagem escrita e a importância de conhecermos uma série de obras literárias, bem como seus autores; mas a leitura de imagens e a prática de ver e analisar filmes é de extrema relevância e importância no nosso cotidiano.

O cinema é compreendido enquanto prática social, pois o significado cultural de um filme depende do contexto em que é visto ou produzido. Neste sentido, os filmes trazem uma série de convenções, de representações - de masculinidade, de feminilidade, de infância, de etnia, de misticismo etc. - e de padrões sociais, de forma que façam sentido para o público. A visão dominante no cinema ressalta o olhar masculino, branco, ocidental, heterossexual, ao invés de outras representações mais democráticas e mais plurais, incutindo no adolescente, devido ao período de intensas transformações psíquicas em que vive a ter uma visão distorcida da diversidade étnica e de gênero. Assim, os subprojetos apontaram a reflexão sobre esta visão dominante, associando à exibição de vídeos que fazem referência a diversidade étnica e de gênero a uma posterior reflexão através de perguntas que foram respondidas em grupo, após um pequeno debate.

Como afirma Walter Benjamin (1994), em seu texto A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica;

A técnica do cinema assemelha-se à do esporte no sentido de que nos dois casos os espectadores são semi-especialistas. Basta, para nos convenceremos disso, escutarmos um grupo de jovens jornalheiros, apoiados em suas bicicletas, discutindo os resultados de uma competição de ciclismo. No que diz respeito ao cinema, os filmes de atualidades provam com clareza que

¹¹ BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico, RJ, Bertrand Brasil, 2006

todos têm a oportunidade de aparecer na tela. Mas isso não é tudo. Cada pessoa, hoje em dia, pode reivindicar o direito de ser filmado. Esse fenômeno pode ser ilustrado pela situação histórica dos escritores em nossos dias. Durante séculos, houve uma separação rígida entre um pequeno número de escritores e um grande número de leitores. No fim do século passado, a situação começou a modificar-se. Com a ampliação gigantesca da imprensa, colocando à disposição dos leitores uma quantidade cada vez maior de órgãos políticos, religiosos, científicos, profissionais e regionais, um número crescente de leitores começou a escrever, a princípio esporadicamente [...] A realização de um filme, principalmente de um filme sonoro, oferecendo um espetáculo jamais visto em outras épocas. Não existe durante a filmagem, um único ponto de observação que nos permita excluir do nosso campo visual as câmaras, os aparelhos de iluminação, os assistentes e outros objetos alheios à cena. Essa exclusão somente seria possível se a pupila do observador coincidissem com a objetiva do aparelho, que muitas vezes quase chega a tocar o corpo do intérprete. Mais que qualquer outra, essa circunstância torna superficial e irrelevante toda comparação entre uma cena no estúdio e uma cena no palco. (BENJAMIN, 1994, pág. 66)

O uso do recurso multimídia em sala de aula serve muito mais do que algo para deixar a aula diferente, mas é uma estratégia que faz com que o aluno saia do “cuspe e giz”, ou seja, do falar e escrever. Traz para seu convívio uma maneira diferente de ver a vida, de ver os problemas presentes na sociedade, ver tudo aquilo que abrange as questões étnicas, e que muitas vezes passa despercebida por cada um. Esse modo diferente de ver a sociedade como ela está hoje, faz o aluno e o professor conjecturarem de forma mais intensa, pois está sendo absorvido de maneira mais real, pois estão vendo o que acontece e não somente ouvindo falar de algo um tanto que longínquo de sua realidade.

Outro autor consagrado que cogita de forma digna o cinema é Marc Ferro. O autor Eduardo Victorio Morettin¹², em seu artigo sobre cinema cita:

[o cinema] destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo se tinha constituído diante da sociedade. A câmara revela o funcionamento real daquela, diz mais sobre cada um do que queria mostrar. Ela descobre o segredo, ela ilude os feiticeiros, tira as máscaras, mostra o inverso de uma sociedade, seus “lapsus”. É mais do que preciso para que, após a hora do desprezo venha a da desconfiança, a do temor (...). A idéia de que um gesto poderia ser uma frase, esse olhar, um longo discurso é totalmente insuportável: significaria que a imagem, as imagens (...) constituem a matéria de outra história que não a História, uma contra-análise da sociedade. (FERRO apud MORETTIN, 2003, p. 202-203)¹³

Marc Ferro aponta em sua obra, uma questão debatida entre as escolas hoje, onde existe o conhecimento de áreas antes desconhecidas, caminhos não debatidos e escondidos

* Professor da Escola de Comunicação Artes - ECA da USP

¹³ FERRO, M. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J., NORA, P. (Orgs.). *História: novos objetos*. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 202-203.

dentro da sociedade, principalmente quando se refere a crianças e adolescentes, os mais prejudicados e os maiores alvos das questões de violência e discriminação. Através da nova vertente da geografia e da multidisciplinaridade¹⁴ alguns autores importantes fizeram parte da história do início dessa mudança.

2.2 A Pesquisa-Ação.

Ao longo dos dois anos através dos subprojetos de bolsa de extensão, apoiado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, foi utilizado à técnica da pesquisa-ação dentro das escolas públicas e projetos sociais, concomitantemente a execução dos projetos de bolsa de extensão (PIBEX: Curtas e Gênero – Conscientizando adolescentes sobre a diversidade de gênero e o projeto O papel dos recursos multimídia na conscientização sobre a diversidade étnica e degenero) ligados ao projeto de extensão coordenado pela Profa. Dra. Sandra Cristina de Souza: Construindo a igualdade étnica e de gênero na adolescência. A pesquisa na sua essência já é importante, todavia, a pesquisa acompanhada de ação se torna um tanto mais proveitoso e interessante de ser executado no meio social.

Linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação, busca a compreensão e a interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, diferente do que ocorre em outras metodologias ditas convencionais em que há um padrão de observação positivista no qual se manifesta grande preocupação em torno da quantificação de resultados empíricos; Um dos principais objetivos da pesquisa-ação consiste em dar aos pesquisadores e aos grupos participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora. (TAVARES E BRANDÃO 2008, pág. 13)¹⁵

A autora Nilma Jesus, defende a questão da pesquisa-ação pois afirma, “acreditamos que o método da pesquisa-ação seja o mais adequado para compreender o contexto sociocultural de um povo”(JESUS, 2007).

Independente do modo de vida de cada pessoa, indígena, branco, negro, independente do sexo ou da forma de viver que cada indivíduo escolheu viver, cabe a cada um da sociedade do Brasil e do mundo todo, aceitar e respeitar as diferenças. Indo até o meio escolar, até os projetos sociais o qual é formado por crianças e adolescentes vítimas de uma situação financeira imposta, ou vítima da própria insensibilidade do mundo ao redor. Utilizar a

¹⁴ MORIN, Edgar – Introdução ao Pensamento Complexo, Ed. Sulina, RS, 2010.

¹⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | PósARQ.

pesquisa é importante para o crescimento pessoal, agir conforme sua pesquisa é realizada é um crescimento para toda a população. “A pesquisa-ação permite-nos manter e alimentar uma relação de coresponsabilidade com os pesquisados, possibilitando um sociointeracionismo em que ambas as partes contribuem para o processo da pesquisa” (JESUS, 2001). Com essa afirmação pode-se compreender, que alunos e professores, e o próprio pesquisador aprendem no andamento em que projetos de pesquisa ou qualquer outro meio de intercâmbio com a sociedade origina a aprendizagem, não somente um, mas todos recebem.

Esse tipo de prática de pesquisa-ação, só pode ser compreendido ainda no momento em que o pesquisador está de frente com a sua pesquisa, na ocasião em que ele está dentro de uma escola ou de um projeto social. Ocorre pesquisa-ação a partir do momento que o pesquisador sai das quatro paredes de uma universidade, ou de um ambiente de estudo, e adentrar na atmosfera de um ambiente social diverso, como no nosso caso a escola pública, quando se depara com crianças frustradas em suas vidas sendo ainda tão novas. O pesquisador aprende quando entra em uma escola de ensino fundamental e se depara com policiais armados dentro da escola para garantir a segurança dos alunos, pois dentro da própria escola os alunos correm riscos. Pais e professores estão sempre preocupados com o momento que se põe o pé dentro das escolas, pois não sabem se seus filhos e alunos voltarão para suas casas. Escolas hoje deixaram de ter o foco em aprendizagem e passaram a ser um lugar de competições, onde os detentores de bens materiais precisam estar à cima dos que não possuem recursos para estar diante da sociedade, onde o jogo do capitalismo entra em cena, e aquilo que Marx afirmou em sua obra, O Manifesto Comunista, se torna uma realidade crua.

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta. (MARX E ENGELS, 2001, pág. 1)

Através de Marx e Engels (2001), pode-se através de uma análise mais geográfica trazer a luta entre proletário e burguês para o contexto atual, pois mesmo anos depois existe a divisão e a luta de classes de igual forma.

Ler sobre discriminação, violência, disciplinas e teorias quando se está acautelado é perfeitamente fácil, difícil é estar diante da realidade imposta. A realização da pesquisa-ação serve não apenas para amparar as pessoas, mas para fazer com que a hipocrisia saia dos

nossos olhos, e deixamos de ser como todos, deixamos de ser como os corruptos, assassinos ou qualquer tipo de pessoa que não tem amor ou compaixão ao próximo.

O ‘ver para crer’ é necessário para quase todos, pois é fácil ouvir falar, o difícil é conviver com aquilo que se lê ou ouve. Existe por trás de toda essa pesquisa-ação algo muito satisfatório que é a reciprocidade existente entre aqueles que estão sedentos por aprender, ou sedentos por tirar o fardo de suas costas, através de um debate, ou talvez através de uma simples palestra, um filme ou um desenho que ilustre aquilo que se passa no mais recôndito da alma. Levar alguém a refletir, nunca é demais, pois uma criança conscientizada, não somente sobre os problemas de preconceito, mas sobre os problemas gerais da sociedade, faz com que o cidadão de amanhã seja de tal maneira melhor, tanto em pensamento quando em ação.

A autora Nilza Jesus (2001) cita em sua tese:

De acordo com Barbier¹⁶ (2004, p.117), o espírito mesmo da pesquisa-ação consiste em uma abordagem em espiral que a todas [as ações entrecruzadas] utiliza. Significa que em todo avanço em pesquisa-ação implica o efeito recursivo em função de uma reflexão permanente sobre a ação (JESUS, 2001, pág. 19)

Ou seja, a pesquisa-ação na vida do pesquisando não deve ser algo momentâneo, deve ser algo que ultrapasse as paredes da escola, eles carecem retirar-se de lá diferente de como ingressaram. “Entretanto, a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação: ela precisa produzir conhecimentos, adquirir experiências, contribuir para discussões ou fazer avançar debates nas questões abordadas” (TAVARES E BRANDÃO, 2007)

¹⁶ BARBIER, René. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber livro, 2004)

Capítulo III - EXPERIÊNCIAS DE SALA DE AULA: CONSCIENTIZANDO ALUNOS E PROFESSORES

3.1 – Discussão dos resultados do Projeto

As experiências realizadas ao longo de dois anos (2011 e 2012) nas sete escolas públicas de Guia Lopes da Laguna, e de Jardim, proporcionaram o início da construção de uma conscientização sobre a diversidade étnica e de e um estímulo a todos os docentes e discentes das instituições envolvidas. Utilizar os métodos da pesquisa-ação e da geografia cultural auxiliou para que a prática do projeto fosse concretizada. Os resultados foram satisfatórios, com a turma dos Bombeiros do Amanhã, pois a turma esta fixada juntamente com o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), com vinte e quatro alunos matriculados, de maneira que foi trabalhada com adolescentes mais carentes escolhidos nas escolas, segundo sua renda mensal. Onde fui solicitada para trabalhar igualmente com aquele grupo, entretanto devido às programações do grupo não foi possível realizar. As questões levantadas pelos alunos e também pelo instrutor Cabo Jair Cuevas, em Jardim – MS foram interessantes, pois são assuntos alusivos ao que os alunos passam no seu cotidiano escolar. O cabo Jair colaborou muito com esse projeto, pois nos recebeu os dois anos, e auxiliou com os recursos didáticos, montagem de equipamentos e com a infraestrutura do local.

3.2 – Ano de 2011.

Para o ano de 2011, no mês de agosto estivemos por diversas vezes entrando em contato com várias instituições, foi encontrado um pouco de dificuldade, mas o contato foi realizado com os Bombeiros do Amanhã. E através de tal contato foi realizada as atividades neste ano.

Em setembro, a polícia militar mirim, nos aceitou para realizarmos o projeto.

Também foi realizado no mês de outubro na Escola Agrícola Guia Lopes um trabalho com alunos do 8º ano.

Em Novembro o Cabo Jair Cuevas solicitou que fosse feito um trabalho com a turma vespertina dos Bombeiros do Amanhã. O qual possui muitos alunos, vindos de famílias carentes, e que necessitam de ajuda, segundo o Cabo Jair, houve uma melhora nos níveis de violência observado na mudança de comportamento dos participantes do projeto em relações aos participantes de origem étnica negra.

Nos mês de dezembro e janeiro devido ao recesso de todas as instituições foram realizados encontros com a orientadora e com grupos de estudo confeccionando relatórios e expondo a visão crítica do período em que o projeto foi realizado.

Os resultados foram excelentes por onde estive, nas escolas e instituições os alunos eram sedentos por compartilhar aquilo que vivem no seu dia a dia, o qual o filme *Vista Minha Pele*¹⁷ retrata de forma muito interessante para o público adolescente a realidade existente na sociedade.

Trabalhar com Adolescentes, no início confesso que achei que não seria fácil, pois geralmente são mais difíceis de lidar, porém, com esse projeto pude ter uma noção diferente do olhar que tinha anteriormente, como graduada de um curso de Licenciatura, gostei muito da experiência de estar ministrando diante de pessoas, passando o filme e apresentando um pouco do que aprendi com minhas aulas na Universidade. Foi realizada nesse período a regência do estágio supervisionado II como atividade obrigatória na universidade, sendo assim foi desenvolvido o trabalho, de maneira tal que houve um grande aprendizado entre aluno e professor.

Ano de 2011				Ano de 2012			
Escola	Vídeo utilizado	Data	Cidade	Escola	Vídeo utilizado	Data	Cidade
Contato com as instituições		Abril	Jardim e Guia Lopes da Laguna - MS	Alziro Lopes	Vista minha Pele	Maio	Guia Lopes da Laguna
Bombeiros do Amanhã	Vista minha pele ¹⁸	Agosto e setembro	Jardim - MS	Salomé de Melo Rocha	Documentário do fantástico sobre a violência	Junho	Guia Lopes da Laguna

¹⁷ ARAÚJO, Joel Zito. *Vista Minha Pele*. [Filme Vídeo]. Brasil. 32 min. 2004.

					contra a mulher. ¹⁹		
				Basílio Barbosa	Quando o crioulo dança ²⁰	Julho	Guia Lopes da Laguna
Zeus Benevides	Vista minha pele	Junho	Jardim - MS	Escola Municipal Técnica Agrícola	Vista minha pele	Agosto	Guia Lopes da Laguna

3.3 – Ano de 2012.

No primeiro semestre de 2012 foi desenvolvido em escolas de Guia Lopes da Laguna. Na Escola Estadual Alziro Lopes, a professora de Geografia da turma do 9º ano, utilizou o que aprendeu no projeto durante as aulas dela, no segundo ano do ensino médio, antes afirmava que existiam várias raças, mas após a realização do projeto na aula de geografia, a professora passou a explicar e citar nas salas, que a verdade é que existem inúmeras etnias, mas a raça existente é a raça humana, em suas palavras: “alunos, não existe preconceito racial, existe preconceito e diferença entre as etnias, pois como aprendi com a Mariane que está sentada no fundo da sala (estava em fase de observação), quando estive no 9º ano, raça só existe uma, a raça humana”. Essa afirmação da professora é muito importante, pois esse é nosso objetivo, propor o diferente para a escola e fazer com que eles aprendam e ensinem o próximo, através do seu discurso e reflexões conscientizadas. Na Escola Basílio Barbosa, Salomé de Melo Rocha e Agrícola, também foram desenvolvidos de maneira muito satisfatória, fazendo com que os alunos participassem e colocassem em questão problemas que ocorrem na escola ou na própria casa.

As falas de alguns alunos em particular foram muito importantes para a construção desse pensamento, aqueles que possuem uma situação mais precária e talvez seja o mais excluído da sala de aula, declararam que já sofreram preconceito dos colegas de sala e até

¹⁹ Documentário “Uma mulher é agredida a cada 5 minutos no Brasil” de 15min30seg, acessado em <<http://www.youtube.com/watch?v=65x75wZ0tkw>>

²⁰ LÓES, Dilme. Quando o Crioulo Dança. [Filme Vídeo]. Brasil. 1989

mesmo dos professores. Através de um debate após a atividade lúdica realizada notam-se as situações impostas pelos alunos, os quais relatam problemas que ocorrem na sociedade, como por exemplo, uma entrevista de emprego, onde as negras, índias eram eliminadas na primeira classificatória, e ainda pelo fato de serem mulheres.

No mês de Março foi o período de estudo e análise bibliográfico sobre o tema. No mês de abril contatamos as instituições e escolas. O trabalho foi desenvolvido em conjunto com o acadêmico João Evaldo Ghizoni Dieterich. Onde após a exibição das curtas metragens realizava jogos dramáticos com o mesmo tema. No mês de maio fomos realizar o projeto na Escola Estadual Alziro Lopes. No mês de junho fomos até à Escola Municipal Basílio Barbosa para a realização do projeto, que também se desenvolveu de forma muito satisfatória, pois os alunos eram muito participativos nos debates. No mês de Julho na Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, desenvolvido de forma produtiva, pois a escola nos procurou antecipadamente para a realização. Através de um testemunho pessoal dirigir uma palavra de incentivo aos alunos, foi me dada a oportunidade sobre uma experiência pessoal de relatar sobre o preconceito em uma cidade praticamente alemã do Paraná, apelido como “pretinha” foi citado naquele lugar. Pode-se perceber que apesar de todo avanço da sociedade o preconceito ainda é presente e se faz vítimas todos os dias e em todos os lugares.

Os objetivos previstos foram alcançados, na medida em que pudemos verificar a participação de cada adolescente durante a exibição dos vídeos e debates. Nas discussões pudemos perceber que muitos trazem dentro de si grandes decepções e tristezas que também eram ocorridas devido à falta de conscientização de uma sociedade formada por pessoas que só pensam em suas posições sociais e seu bem estar.

Após a realização do projeto nas escolas neste primeiro semestre posso concluir o quão gratificante é trabalhar com adolescentes nessa área. Pois muitos deles têm sofrido discriminação nas casas e escolas, e dentro dos lares e escolas não existem projetos ou aulas que proporcionem aos alunos uma reflexão sobre tais assuntos. Na sociedade pós-moderna um dos grandes males é a discriminação. Este projeto busca contribuir para que geração reflita sobre a construção de uma sociedade justa e igualitária, sem as barreiras do preconceito.

O trabalho com o ensino, a pesquisa e a extensão faz da vida de um universitário muito mais útil e menos monótona, do que se consistir em ir apenas as aulas diariamente, e sair da unidade sem fazer algo que modifique o mundo à sua volta. A pesquisa-ação traz essa emoção de ser universitário, pois não só saímos da sala da universidade, como levamos conhecimento.

Para se ter um exemplo, em uma pesquisa feita com a escola Chaquib Kadri, que é conhecida como a escola de maior risco da cidade de Jardim – MS, a qual possui policiais presentes dentro da escola, estivemos ministrando diante deles sobre essa diversidade. Segundo o professor de Geografia Jader Pigari²¹ da escola Chaquib Kadri “a questão da mulher na sociedade hoje, é pouco debatida, pois as mulheres que sofrem caladas, por medo de apanharem mais do marido”, o professor abordou o assunto dizendo, que é interessante esse projeto nas escolas, por que ele por si só já fala sobre as diversidades nas aulas de geografia, mas que e superficial, e com a ajuda da universidade podemos expandir esse assunto, e adentrar lares e escolas com essa iniciativa.

3.4 Figuras 2011 e 2012



Figura 7: Alunos trabalhando em sala de aula.
Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2012.



Figura 8: Alunos da Escola Municipal Basílio Barbosa discutindo o tema a ser abordado no jogo dramático proposto.

²¹ Comentário feito pelo professor Jader Pigari, professor de Geografia da Escola Municipal Chaquib Kadri, no município de Jardim, no dia 26 de outubro de 2012.

Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2012.



Figura 9: Alunos da Escola Salomé de Melo Rocha desenvolvendo a atividade proposta.

Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2012.



Figura 10: Jogo Dramático sendo explicado aos Alunos.

Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2012.



Figura 11: Discussão após o Filme apresentado.

Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2012.



Figura 12. Bombeiros do Amanhã assistindo curta-metragem.
 Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2011.



Figura 13. Filme utilizado nas aulas “Vista a minha pele”.
 Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2011.



Figura 14. Equipe com o Cabo Jair e professora do PETI.
 Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2011.

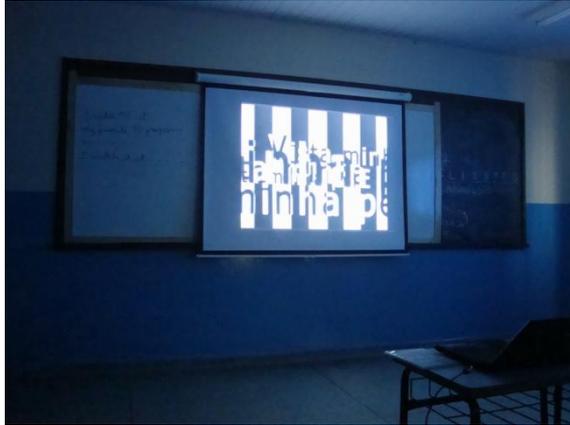


Figura 15. Apresentação do Filme “Vista minha Pele”.
Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2011.



Figura 16. Assistindo o filme, turma do 9º ano, escola Chaquib Kadri.
Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2012.



Figura 17 – Alunos se preparando para atividade lúdica após o filme.
Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2012.



Figura 18. Atividade Lúdica com o acadêmico João Evaldo Ghizoni Dieterich²².
Fonte: NAGEL, M. A. Pesquisa de Campo 2012.

²² Acadêmico do curso de geografia, UEMS - Unidade Universitária de Jardim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desses trabalhos nos anos de 2011 e 2012 foram realizados, conforme aquilo que se era esperado. Os objetivos preditos foram alcançados, na medida em que pudemos verificar a participação de cada adolescente durante a exibição dos curtas e debates. Nas discussões pudemos perceber que muitos guardam dentro de si grandes decepções e dores devido à falta de conscientização de uma sociedade composta por pessoas que só pensam em suas posições sociais e seu bem estar.

A pesquisa-ação me proporcionou trabalhar de forma mais concisa nas escolas, sair das quatro paredes da universidade e embarcar em um mundo diferente que é ensinado dentro da sala de aula. Pesquisar e agir são importantes para todo acadêmico de um curso de graduação. Pois, a conscientização deve começar no meio científico, até chegar à sociedade.

Através desses projetos, apesar de não haverem dados quantitativos, os professores das escolas, elogiaram, pois houve a mudança no comportamento dos alunos. O resultado do projeto é perscrutado de forma subjetiva, pois contribuiu para a conscientização sobre a diversidade étnica e de gênero tanto entre os alunos quanto em relação aos professores, conforme relato dos próprios professores que notaram diferença nas atitudes dos alunos em sala de aula e também em seu trabalho pedagógico, como afirmou a professora se referindo a sua mudança na compreensão do que é raça humana (“como aprendi com a Mariane no projeto, só existe uma raça humana, e não várias”²³). Como foi afirmado nas escolas Salomé de Melo Rocha, Chaqui Kadri e Alziro Lopes, suas falas contribuíram com o projeto de maneira tal, que fomos solicitados pelos mesmos para a apresentação do projeto em escolas particulares, pois o rendimento foi excelente dentro das escolas. A partir desses resultados alcançados, pode-se verificar tanto nos alunos quanto no rendimento dos professores em sala de aula sobre o assunto nos conteúdos da disciplina de geografia, de maneira que foi citado em suas aulas o lado positivo proporcionado pelo projeto.

A atual questão da violência dentro das escolas, através do bullying, que é um dos temas discutidos dentro das salas de aula, faz essa sociedade ser marcada pela discriminação. Diversos projetos têm contribuído para essa questão, e fazer parte dessa mobilização é satisfatório, levando em conta que o Brasil pode por meio da conscientização transformar uma geração marcada pela violência verbal e física. E através da pesquisa-ação realizar esse modo de trabalho dentro das escolas, visando a transformação e o meio social mais igualitário.

²³ Comentário realizado com a professora Sonia Gama, em aula de observação de estágio em Geografia da acadêmica e bolsista, na escola Estadual Alziro Lopes, na cidade de Guia Lopes da Laguna, dia 16 de maio de 2012.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO E SCALON. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Organizadoras. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2005.
- ARAÚJO, Joel Zito. **Vista Minha Pele**. [Filme Vídeo]. Brasil. 15 min. 2004.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber livro, 2004)
- BENJAMIM, Walter. 1892-1940. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo. 7 ed. Brasiliense. 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**, RJ, Bertrand Brasil, 2006
- CARELLI, Vincent. **Índios do Brasil**. [Filme Vídeo]. Tv Escola. 2000. Brasil.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2ed. Florianópolis: Ed da UFSC, 2001.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002 (p. 126)
- Disponível em: <<http://www.portacurtas.com.br/index.asp>> Acessado em 23 de maio de 2011.
- DUBY, G e PERROT, M. – “**Escrever a História das Mulheres**”, In: Thébaud, Françoise - **História das Mulheres, O século XX, Porto**, Ed. Afrontamentos, 1998, pág. 7
- FERNANDES, F. - **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo, Ática, 1978.
- HASENBALG, C. A. e VALLE e SILVA, N.- **Estrutura social, mobilidade e raça**. São Paulo, Vértice, 1988.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: CONTEXTO, 2002.
- LÓES, Dilme. **Quando o Crioulo Dança**. [Filme Vídeo]. Brasil
- MATOS, Marlise. **A democracia não deveria parar na porta de casa**: a criação dos índices de tradicionalismo e de destradicionalização de gênero no Brasil. In **Gênero, família e**

trabalho no Brasil – Clara Araújo e Celi Scalon, organizadoras – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. Cap 3.

Ministério da Justiça. **Estatuto da Criança e adolescente**. 12 anos. ed. especial. Brasília: Ministério da Justiça, 2002. 224 pág

MOTT, L - **Homossexualidade**: mitos e verdades. Salvador: Editora GGB, 2003a

MOTT, L. - **Homo-afetividade e Direitos Humanos IN: Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto/2006.

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo**: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivos-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: Unesp, 2004.

PERROT, M. - **Os excluídos da história**: operários, mulheres, prisioneiros, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

SILVA, Susana Veleda da. **Os Estudos de Gênero no Brasil**: Algumas Considerações. Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Editora: Paz e Terra.

PILLOTTO, S. e MOGNOL, La. **Arte e Educação**: Reflexões sobre espaço e arte no contexto da educação infantil .

PERROT, M. **Práticas da memória feminina**. Rev. Bras. Hist. São Paulo. V.9 nº 18. PP.09-18. Agosto/89.

QUADROS, W - **Gênero e raça na desigualdade social brasileira recente**, ESTUDOS AVANÇADOS 18 (50), USP, São Paulo, 2004.

SAMARA, E M – **O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina**, In: MATOS, M. I S. e SOLER, M A (orgs) – **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**, São Paulo, EDUC, 1997

Relatório - **Violência contra os povos indígenas no Brasil** – Dados de 2011 – CIMI.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo. 4 ed. 2008.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social** / Edward Soja ; tradução [da 2ª Ed. Inglesa], Vera Ribeiro, revisão técnica, Bertha Becker, Lia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1993.

TAVARES E BRANDÃO. **Metodologia da pesquisa-ação**. PosArq. Florianópolis. 2008.

PERROT, M. - **Em que ponto está a história das mulheres na França?** In: Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 14, nº 28, 1994

JESUS, Nilma. **Formação continuada dos educadores indígenas Tupinikim: uma experiência a ser socializada**. PUC-SP. 2007.